

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS: ALGUNS APONTAMENTOS PEDAGÓGICOS

José Arnor de Lima Júnior ¹
Francisco José dos Santos Neto ²
Sédina dos Santos Jales Ferreira ³
Dayana Priscila da Silva ⁴

RESUMO

O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS) desempenha papel importante na mediação comunicativa entre surdos e ouvintes, sendo responsável por realizar a transposição semiótica entre línguas de modalidades distintas – a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa. Este processo vai além da mera troca lexical ou gramatical, pois exige uma compreensão profunda das dinâmicas enunciativas e dos contextos socioculturais que permeiam as interações. Cada ato tradutório carrega consigo a necessidade de reconhecer os sujeitos envolvidos, suas especificidades culturais e a variabilidade linguística própria de cada comunidade usuária de língua de sinais. Neste sentido, esta investigação se debruça sobre um aspecto fundamental deste universo: os regionalismos que emergem como manifestações linguísticas locais, influenciando diretamente o processo interpretativo. Em síntese, esta pesquisa objetiva discutir como a variação linguística impacta a construção do sentido na prática do TILS. Para tanto, recorreu-se a uma entrevista semiestruturada com intérpretes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), questionando quais aspectos lhes pareciam mais difíceis, no que tange ao entendimento dos sinais mobilizados por surdos de outras regiões do país. Com vistas a amparar a discussão, fez-se uma revisão de literatura da perspectiva bakhtiniana, com foco nos conceitos de valoração, dialogismo e plurilinguismo. Os resultados sugerem um tensionamento axiológico, principalmente em congressos e demais eventos acadêmico-científicos. Isso se dá porque, ao não entrarem em contato com os palestrantes, ministrantes de oficina etc., tornam-se incapazes de compreender, adequadamente, como se dá essa pluralidade léxica e vocabular. Assim, a análise aponta para a necessidade de um planejamento prévio, representado em uma reunião entre as partes e uma cooperação mútua.

Palavras-chave: Variação Linguística, TILS, Dialogismo, Pedagógicos, UFPE.

INTRODUÇÃO

O ato de transposição semiótica executado pelo Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS) constitui uma operação de alta complexidade, que ultrapassa

¹ Mestre em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, josearnor.lima@ufpe.br;

² Especialista em Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, fcojosenatal@gmail.com;

³ Mestra em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, libras.sedinajales@gmail.com;

⁴ Especialista em Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, daypary4@gmail.com;



o escopo de uma mera transferência lexical entre o Português e a Libras. O TILS atua na intersecção de modalidades linguísticas distintas, exigindo uma proficiência que se fundamenta na acuidade para decifrar as dinâmicas enunciativas e os contextos socioculturais que governam as interações. Consequentemente, cada ato tradutório engendra a necessidade de reconhecer a idiosincrasia dos sujeitos envolvidos e a densa variabilidade linguística que é imanente a toda comunidade usuária de línguas de sinais. Essa variação é um fenômeno intrínseco a todas as línguas vivas, mostrando a vitalidade da Libras.

Neste sentido, a presente investigação se justifica ao debruçar-se sobre um aspecto fulcral e frequentemente subestimado no universo da transposição intermodal: os regionalismos que emergem como idiossincrasias linguísticas locais. Assim como o Português apresenta variações para "mandioca" ou "semáforo", a Libras também manifesta diferenças diatópicas em sinais como "pai," "mãe" ou "cerveja," que mudam conforme o estado ou região. Tais manifestações influenciam diretamente a arquitetura do processo interpretativo, introduzindo um elemento de imprevisibilidade que tenciona a equivalência e a construção do sentido. A análise desta dissonância diatópica é imprescindível porque o TILS, em sua atuação, especialmente em contextos acadêmicos ou educacionais, é o mediador entre o saber institucionalizado e o aluno surdo. As lacunas na formação do TILS em variação linguística podem invisibilizar as diferenças surdas em sala de aula e restringir a plena expressão do estudante, comprometendo, assim, o acesso democrático à educação. Portanto, o estudo se justifica pela necessidade de fornecer subsídios pedagógicos para municiar os futuros TILS com as competências que ultrapassam a padronização e garantam a fidelidade e a eficácia da mediação comunicativa.

Em síntese, esta pesquisa objetiva discutir, com acuidade analítica, de que maneira a variação linguística regional impacta a construção do sentido na práxis do TILS. O estudo visa, ademais, elucidar as implicações pedagógicas e as estratégias necessárias para municiar os futuros TILS com as competências que ultrapassam a padronização e alcançam a fluência contextual.

METODOLOGIA

No que se liga à metodologia adotada, o estudo é de natureza qualitativa e interpretativista, situando-se no campo da Linguística Aplicada (LA). Tal abordagem é



relevante para a LA, pois, mais do que descrever estruturas linguísticas, ela busca compreender a língua em seu uso social, desvelando as relações de poder e as dinâmicas socioculturais que permeiam a prática tradutória (Moita Lopes, 2006). O estudo visa, assim, criar inteligibilidade sobre como a variação linguística regional da Libras impacta a construção do sentido na prática do TILS (Faraco, 2009).

O *locus* da pesquisa empírica foi a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A amostra foi intencional e não-probabilística, composta por 10 Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS) que atuavam em contextos acadêmico-científicos (congressos, seminários e aulas), onde a exposição a regionalismos e vocabulário especializado é mais intensa. O instrumento de coleta de dados primários foi a entrevista semiestruturada, que se mostrou ideal para capturar a subjetividade e a experiência dos TILS (Perlin, 2013). O roteiro da entrevista foi composto por 15 questões, sendo 10 objetivas (escalas de dificuldade) e 5 dissertativas, focando em: os aspectos mais difíceis no entendimento dos sinais mobilizados por surdos de outras regiões do país (variação diatópica); a percepção de tensionamento axiológico (conflito de valores e significados) em eventos acadêmicos; e as estratégias de planejamento prévio e cooperação mútua adotadas para lidar com o plurilinguismo interno da Libras.

O *corpus* de análise foi constituído pelas transcrições das entrevistas e cotejado com o referencial teórico. A análise foi realizada sob a ótica da perspectiva bakhtiniana, utilizando os conceitos de dialogismo e valoração para interpretar o processo de construção do sentido (Faraco, 2009), e o plurilinguismo para embasar a discussão sobre a variabilidade linguística (Volóchinov, 2017).

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica acerca do processo de tradução perpassa inicialmente pelo conceito de transposição semiótica, que se enquadra na perspectiva mais ampla da tradução intersemiótica ou transmutação, conforme estabelecido por Jakobson (1969). Tal concepção define o processo como a interpretação de signos verbais através de sistemas de signos de natureza não-verbal, marcando a passagem, por exemplo, de uma arte essencialmente verbal para o cinema ou a pintura. Contudo, essa definição não abarca a complexidade da tradução entre o Português escrito e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) sinalizada em vídeo. A literatura especializada postula que a simples conversão



textual para a sinalização, desprovida de recursos cênicos ou elementos visuais complexos, representa majoritariamente um mero registro em suporte de vídeo, e não uma genuína transmutação de sentido. Deste modo, o cerne da tradução Português-Libras reside na habilidade de transmutar o significado e o contexto cultural inerentes à língua-fonte, transcendendo a mera mudança do canal comunicativo (oral/escrito para visual/sinalizado), o que implica que a atuação do tradutor-intérprete de Libras (TILS) vai muito além da equivalência linguística superficial.

A limitação dos modelos exclusivamente semióticos ou cognitivos na descrição da atividade complexa do TILS impulsionou a adoção de uma perspectiva discursiva e enunciativa, notadamente influenciada pelo pensamento do Círculo de Bakhtin. Sob esta ótica, a tradução/interpretação da Libras é categorizada como um ato enunciativo-discursivo e uma prática de linguagem que opera na mediação de interações sociais concretas entre diferentes sujeitos, como evidenciado pela literatura acadêmica. Para garantir a eficácia dessa negociação de sentidos, o TILS precisa mobilizar uma série de elementos que extrapolam a gramática estrita das línguas envolvidas. Fatores extralinguísticos e visuais, como a direção do olhar (gaze direction) e o uso do corpo, tornam-se elementos cruciais para a plena construção do sentido na Libras. Consequentemente, o desafio de traduzir o Português para a Libras é, de imediato, um desafio eminentemente cultural, no qual o TILS não apenas transpõe a semiótica, mas gere e intermedia ativamente a cultura. O olhar e os elementos corporais são vetores tanto culturais quanto discursivos, e a escolha tradutória configura-se como um ato deliberado de seleção de um sistema de signos que melhor veicule o valor cultural e ideológico do enunciado original, visando a fidedignidade contextual.

Apesar da intrínseca natureza performativa e visual da atividade do TILS, que exige o uso integral do corpo para a negociação de sentidos, a sua plena realização do ato enunciativo-discursivo é frequentemente comprometida por restrições de ordem técnica e ergonômica, especialmente em contextos como o ensino remoto. As limitações impostas pelo enquadramento da câmera e o uso de telas reduzidas restringem a amplitude de movimento do intérprete, afetando diretamente a qualidade da mediação semiótica. Esta limitação imposta pelo canal tecnológico, ou seja, pela restrição do enquadramento, afeta a integridade do ato enunciativo-discursivo, podendo, inclusive, gerar dor e tensão física no profissional. Em um plano mais amplo, a obra de Mikhail Bakhtin e seu Círculo oferece um arcabouço filosófico-linguístico robusto que permite compreender a tradução e a interpretação como eventos de caráter social, ideológico e ético, sublinhando que o



sujeito TILS e a sua enunciação são inseparáveis do contexto histórico e interacional em que atuam.

O conceito de dialogismo, que engloba a polifonia, é fundamental na filosofia bakhtiniana para postular que a linguagem é um fenômeno social e ideológico, cujo sentido se constrói na interação. Ele se manifesta na presença de múltiplas vozes que permeiam a atividade comunicacional e, em oposição às abordagens estruturalistas puras, foca no uso da linguagem em contextos e grupos sociais específicos, com suas inerentes estratificações. A premissa central de Bakhtin é que o sujeito se constitui inexoravelmente na relação com o outro. Para o TILS, essa constituição manifesta-se na dialética entre a interpretação e a resposta, uma vez que a interpretação "só amadurece na resposta" (Bakhtin, 2011), e a escuta atenta atua como um direcionador ético, ampliando a possibilidade de entendimento e respeito ao outro. Em uma perspectiva mais ética, a arquitetônica do ser (eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim, em Bakhtin, 2010) delineia a posição ética do TILS, que, ao atuar no contexto educacional, por exemplo, deve gerenciar a sua inevitável posição-mestre, reafirmando sua função de mediação e o respeito à alteridade.

O arcabouço bakhtiniano também se manifesta no conceito de plurilinguismo, que aborda a diversidade de linguagens em circulação e é necessária para analisar a relação histórica entre a Libras e o Português (Lodi, 2005). Essa relação é enquadrada em uma dinâmica de forças opostas: as centrípetas, que representam a ideologia dominante que buscou a unificação sociolinguística e desincentivou a Libras; e as centrífugas, que manifestam os processos de desunificação e descentralização, impulsionados pela luta da comunidade surda e educadores pelo reconhecimento da Libras. O TILS atua diretamente neste ponto de conflito ideológico, e a valorização do bilinguismo (Libras como L1 e Português como L2) fortalece as forças centrífugas da diversidade, desafiando a orientação monolíngue ainda presente em certas diretrizes. A escolha de variantes, a gestão da postura e a preparação contextual são, portanto, atos que influenciam ou resistem à ideologia dominante, conferindo à atuação do TILS um caráter inerentemente político, transformando-o em um gestor desta disputa ideológica.

A valoração axiológica é o conceito que permite a análise da inevitável carga ideológica e subjetividade presente em toda enunciação, incluindo a atividade interpretativa. A ética da tradução, sob esta lente, não se sustenta na anulação do sujeito TILS, mas sim na gestão responsável da entonação avaliativa. Para Bakhtin, a dimensão ética de qualquer ato está intrinsecamente ligada à entonação avaliativa que une conteúdo



e processo, sendo essa valoração construída e avaliada pelo sujeito TILS conforme o contexto de interação. O tema da enunciação é mais do que o seu assunto; é um conteúdo ideologizado construído na interação concreta que incorpora sistemas extralinguísticos, e o TILS deve apreender e transpor esse valor ideológico subjacente. A Análise do Discurso, com base em pressupostos como os de Orlandi (2009), reitera que o TILS é um sujeito constituído por discursos variados (interdiscurso e intradiscurso) e não um canal neutro. A crítica à "pureza linguística", que se confronta com o Código de Ética de 1992, sustenta que o TILS, por ser um sujeito, "não se anula para interpretar". Sua responsabilidade ética reside, portanto, em reconhecer sua subjetividade e garantir que a mediação seja fiel à valoração do enunciado fonte, respeitando a diferença da comunidade surda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das questões, realizada sob a ótica da perspectiva teórica bakhtiniana (dialogismo, plurilinguismo e valoração), permitiu a emergência de três eixos temáticos interligados que ilustram o intenso tensionamento axiológico e o complexo papel discursivo do TILS. Um primeiro eixo que emergiu da análise dos dados foi o referente ao tensionamento axiológico e a escolha ideológica, concentrado na forma como o TILS percebe o conflito de valores e significados (valoração) ao mediar conceitos ideologicamente carregados ou altamente especializados no ambiente acadêmico. A fala do Entrevistado TILS 4 é profundamente reveladora deste dilema ético:

Quando estou interpretando um termo muito especializado que sei que tem um regionalismo forte na Libras, eu sinto o peso da escolha. Se eu uso o sinal mais comum na minha região [Pernambuco], posso confundir o surdo de outra região. Se eu uso uma datilologia, eu quebro o fluxo do discurso. Não tem neutralidade. A escolha é um ato político: eu escolho o que eu valorizo mais naquele momento.

A análise deste excerto ilustra o cerne da valoração axiológica (Bakhtin), que sustenta que todo enunciado possui uma entonação avaliativa e um conteúdo ideologizado. O TILS não consegue — e, eticamente, não deve — ser um mero canal neutro. O tensionamento ocorre justamente porque a tradução é, fundamentalmente, um ato de responsabilidade (Bakhtin, 2010). O profissional precisa gerenciar qual variante



linguística (a escolha do sinal) melhor representa o valor ideológico do tema original no contexto concreto. A dificuldade relatada não se restringe à semântica da variação diatópica; ela se manifesta como uma questão ética da escolha ideológica, onde a decisão sobre qual voz privilegiar na interpretação se configura como um ato político.

Um segundo eixo identificado na análise é o referente ao plurilinguismo e a gestão da "posição-mestre", que abordou como o TILS gerencia sua posição discursiva ao lidar com a variação linguística e o vocabulário acadêmico, o que frequentemente resulta na assunção de uma postura pedagógica não intencional. O Entrevistado TILS 7 descreve o confronto com a diversidade e suas consequências para o papel profissional:

Em aulas de pós-graduação, percebo que, às vezes, sou forçado a ensinar o sinal ou a variante para um aluno surdo que veio de outro estado. Eu não sou o professor, mas a falha na comunicação exige que eu faça a mediação de forma mais explícita. Isso me coloca em outra posição, me afasta da minha função principal. O tempo todo tempos que sair da zona de conforto e questionar nosso papel.

O relato toca diretamente na arquitetônica do ser (o eu-para-o-outro) e na questão da posição ética. O TILS, ao mediar a diversidade da Libras (o plurilinguismo), pode inadvertidamente sobrepor seu papel ao de instrutor, sendo atravessado pelo discurso pedagógico institucional. O TILS, como sujeito discursivo (Orlandi, 2000), deve ter uma reflexão constante para evitar a anulação do sujeito surdo em nome de uma suposta "norma" ou de uma "pureza linguística" (Volóchinov, 2017), reafirmando, com isso, sua função essencial de mediação e o respeito inegociável à alteridade.

Por fim, uma terceira categoria explorada foi a do corpo como elemento discursivo, que investigou a função dos elementos extralinguísticos e corporais no enfrentamento dos desafios de sentido impostos pela variação e pela densidade do discurso acadêmico. O Entrevistado TILS 2 enfatiza o corpo como um recurso de ancoragem discursiva:

A variação de um sinal pode ser brutal, mas o olhar [gaze direction] e a postura são meu porto seguro. Se a palavra em Português é 'diálogo', e eu sei que o surdo-fonte está carregando uma emoção de tensão, eu uso o olhar para transmitir a 'valoração' daquela palavra, mesmo que o sinal regional que ele usou não seja o meu. É o corpo que carrega o interdiscurso, não só a mão.

Esta experiência sublinha a complexidade da tradução como um ato enunciativo-discursivo que transcende a gramática. Fatores como a direção do olhar e o uso do corpo



(vetores culturais e discursivos) tornam-se cruciais para transpor o tema e a valoração do enunciado-fonte. O TILS, ao gerir esses elementos, está engajado em uma prática de linguagem que atua na intermediação cultural, onde a falha linguística potencial (devido à variação) é compensada e enriquecida pela riqueza dos signos não-verbais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se debruçar na experiência dos tradutores e intérpretes de Libras (TILS) sob a perspectiva bakhtiniana, pode-se perceber a profundidade ética e política inerente ao seu ofício. Os eixos temáticos que emergiram da análise – o tensionamento axiológico, a gestão da posição profissional e o corpo como elemento discursivo – convergem para um panorama inequívoco: o TILS não é um mero decodificador linguístico, mas um complexo gestor da diversidade e da valoração cultural. A discussão sobre a dificuldade de escolher o sinal adequado diante da variação regional ressalta que a tradução é, sobretudo, um ato político, onde a não-neutralidade se impõe como uma responsabilidade. O dilema ético do TILS reside em reconhecer que cada escolha de sinal carrega uma carga ideológica, exigindo uma administração consciente de qual "voz" ou variante linguística será privilegiada para garantir a fidelidade ao sentido do tema original.

A percepção de que o TILS é frequentemente compelido a assumir uma postura pedagógica ("ensinar" o sinal) ao lidar com o plurilinguismo da Libras aponta para a necessidade de repensar a arquitetura do seu papel no ambiente acadêmico. O profissional se vê constantemente desafiado a sair da "zona de conforto" da simples transposição semiótica para atuar como um mediador cultural que precisa salvaguardar a alteridade do sujeito surdo. Sua atuação é atravessada por discursos institucionais que exigem reflexão contínua para evitar a sobreposição de papéis e a anulação da singularidade do usuário da Libras, confirmando que a prática interpretativa é inseparável do contexto social, ético e ideológico.

Ademais, a centralidade do corpo, do olhar e da postura na construção do sentido resgata a tradução como um ato enunciativo-discursivo completo. A riqueza dos elementos não-verbais funciona como um porto seguro que compensa as falhas potenciais causadas pela variação linguística. Esta investigação demonstra, portanto, que a formação e a atuação do TILS devem ir muito além da proficiência bilíngue, exigindo o desenvolvimento de uma consciência discursiva robusta, capaz de gerenciar a tensão entre



as normas linguísticas (centrípetas) e a diversidade cultural (centrífugas). O panorama final é de um profissional engajado em uma práxis de linguagem complexa, cuja excelência reside na sua capacidade de manejar o interdiscurso, o plurilinguismo e a valoração, mantendo-se fiel à sua responsabilidade ética de mediação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, Reuben A. (ed.). **On Translation**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969. p. 232-239.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Linguística Aplicada e vida contemporânea: por que ir além do ensino de línguas?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 11-38.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

